

Música e educação estética: percursos de mediação cultural na fanfarra de uma escola municipal em Blumenau/SC

Lucas Mateus Garbinato Franques dos Santos¹, Jaison Hinkel²

Resumo

Neste texto apresentamos experiências musicais que desenvolvemos na fanfarra de uma escola municipal em Blumenau/SC, no período de 2017 a 2022, com o objetivo de discutir de que forma essas práticas podem proporcionar, além do conhecimento específico em música, o acesso à cultura, interações sociais e uma possível educação estética. A partir desse relato, problematizamos como as interações sociais podem reverberar na vida dos estudantes e de outros membros da comunidade, de forma a promover espaços de mediação cultural. Outro aspecto debatido foi a forma com que os participantes da fanfarra e demais envolvidos em ensaios e apresentações se relacionam com a arte e em como isso pode significar experiências estéticas que tocam a dimensão sensível do sujeito. Apresentamos, ainda, discussões a respeito da potência da escola como espaço cultural, que possibilita as ações que promovem uma forma específica de acesso à arte, e reflexões acerca do papel do professor como mediador cultural, que pensa e planeja as diferentes formas de acesso à arte. Por fim, concluímos que as práticas musicais na fanfarra proporcionam experiências estéticas que contemplam diversas áreas da formação humana, portanto não estão limitadas ao aprendizado mecânico e repetitivo em música.

Palavras-chave

Educação. Música. Bandas. Fanfarras. Mediação Cultural. Educação Estética.

¹ Mestrando em Educação na Fundação Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: lucasmgfsantos@gmail.com.

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; estágio pós-doutoral pela mesma instituição; professor na Fundação Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil; integrante da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Fundação Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: jhinkel@furb.br.

Music and aesthetic education: cultural mediation paths in the fanfare of a municipal school in Blumenau/SC

Lucas Mateus Garbinato Franques dos Santos³, Jaison Hinkel⁴

Abstract

In this text, we present musical experiences that we developed in the fanfare of a municipal school in Blumenau/SC, from 2017 to 2022, to discuss how these practices can provide, in addition to specific knowledge in music, access to culture, social interactions and a possible aesthetic education. From this report, we problematize how social interactions can reverberate in the lives of students and other members of the community, promoting spaces for cultural mediation. Another aspect discussed was how the fanfare participants and others involved in their rehearsals and presentations relate to art and how this can mean aesthetic experiences that touch the sensitive dimension of the subject. We also present discussions regarding the power of the school as a cultural space, which enables actions that promote a specific form of access to art, and reflections on the role of the teacher as a cultural mediator, who thinks and plans the different forms of access to art. Finally, we conclude that the musical practices in this fanfare provide aesthetic experiences that cover different areas of human formation, therefore they are not limited to mechanical and repetitive learning in music.

Keywords

Education. Music. Bands. Fanfares. Cultural Mediation. Aesthetic Education.

³ Master degree student in Education, Fundação Universidade Regional de Blumenau, State of Santa Catarina, Brazil. E-mail: lucasmgfsantos@gmail.com.

⁴ PhD in Psychology, Federal University of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil; post-doctorate at the same institution; professor at the Fundação Universidade Regional de Blumenau, State of Santa Catarina, Brazil; member of the Technological Incubator of Popular Cooperatives of the Fundação Universidade Regional de Blumenau, State of Santa Catarina, Brazil. E-mail: jhinkel@furb.br.

Introdução

Neste texto, apresentamos o relato de experiência de um professor que desenvolveu práticas musicais na fanfarra de uma escola municipal de Blumenau, no estado de Santa Catarina. Nosso objetivo é discutir de que forma as práticas musicais neste contexto podem proporcionar, além do conhecimento específico em música, o acesso à cultura, interações sociais e uma possível educação estética. Além disso, refletimos a respeito da escola como espaço cultural e do papel do professor como um mediador cultural, ao pensar sobre diferentes formas de acesso aos elementos culturais, à arte e à educação estética. Ao longo deste texto, buscamos evidenciar que os momentos proporcionados pelas práticas musicais na fanfarra, seja em ensaios em pequenos grupos, ensaios gerais com o grande grupo ou apresentações e eventos, podem significar um rompimento cultural da lógica de sala de aula, em que os estudantes se movimentam para outros espaços da instituição e para fora dela e têm acesso à arte e à cultura em uma ótica diferente daquilo que acontece em momentos corriqueiros da vida escolar.

Para uma melhor compreensão, apresentamos, inicialmente, uma breve contextualização do Programa de Bandas e Fanfarras Escolares “Bia Passold”, ao qual as práticas aqui relatadas estão vinculadas. Este programa está presente na Rede Municipal de Ensino de Blumenau desde o ano de 1993, quando foi inserido em algumas escolas municipais como projeto extracurricular, oferecido no contraturno escolar para os estudantes interessados em aprender a tocar instrumentos musicais. Os primeiros professores ou instrutores, como eram conhecidos, eram os participantes de uma antiga fanfarra da *Oktoberfest*⁵, que havia sido criada na década de 1980. Com o passar do tempo, os professores foram se profissionalizando e diferentes instrumentos de sopro foram agregados aos grupos, o que possibilitou o surgimento de bandas musicais e marciais (Fernandes, 2017). Aos poucos, o projeto conquistou o respeito da comunidade escolar, o que o levou a ser ofertado de forma extracurricular por 23 anos ininterruptos na rede municipal de ensino. Já no ano de 2016, por meio do Decreto Municipal n. 10.920, o projeto passou a ser reconhecido como um programa institucional, que hoje é chamado de Programa de Bandas e Fanfarras Escolares “Bia Passold”. Após essa oficialização, a

⁵ Festa típica alemã realizada na cidade de Blumenau aos moldes daquela promovida em Munique, na Baviera alemã (Mette, 2005).

prefeitura assumiu a responsabilidade pelo custeio e disponibilização de todos os recursos necessários para a continuidade do programa (Fernandes, 2017).

Atualmente, o programa atende mais de 30 escolas municipais em Blumenau e, de acordo com o Art. 1º do Decreto 10.920, de 30 de março de 2016, seu objetivo consiste em “oportunizar a convivência de crianças e adolescentes com a música instrumental e suas variantes” (Blumenau, 2016), de forma a promover a integração social e habilidades musicais, com o intuito de contribuir na formação integral do ser humano (Blumenau, 2016). Portanto, é possível perceber que a proposta institucional do programa já indica que as práticas musicais neste contexto podem ir além do conhecimento musical em si, e proporcionar diversas vivências aos estudantes que têm a oportunidade de participar das bandas e fanfarras.

As experiências que serão relatadas neste artigo mobilizaram o pesquisador a refletir sobre as práticas dele, e o levaram a enxergar que o ensino de música nas bandas e fanfarras possui diversas possibilidades. Acreditamos que as bandas e fanfarras, além de proporcionarem a educação musical por meio do aprendizado de instrumentos, podem se tornar um espaço de mediação cultural e educação estética. Para Peruzzo (2018), o conceito de mediação cultural remete à ideia de pensar as formas de acesso à arte em diversos contextos. Ou seja, visa a proporcionar o acesso à arte e à cultura e promover a mediação entre elas e o sujeito. Dessa forma, “criar espaços para a relação com a arte pode ser o território para a educação da sensibilidade” (Peruzzo, 2018, p. 209). Radwanski (2018) contribui nesta reflexão ao discutir que a educação estética, no contexto da educação musical, não se limita a uma aprendizagem utilitária, com memorização de conteúdos e execução por simples repetição, mas diz respeito a uma educação que visa a estimular a dimensão do sensível, da resignificação da compreensão de mundo e da criatividade por meio do contato com a música.

Portanto, reconhecemos a necessidade de debater se o Programa de Bandas e Fanfarras Escolares “Bia Passold”, além de promover conhecimento específico em música, pode se configurar como um espaço em que os estudantes têm a oportunidade de vivenciar diversas manifestações culturais em diferentes contextos por meio de apresentações públicas, eventos escolares, desfiles cívicos, festividades regionais e outros. Neste sentido, buscamos refletir se essas experiências podem proporcionar vivências que afetam os participantes em seus significados e sentidos com relação à participação na fanfarra.

Metodologia

As bandas e fanfarras são agrupamentos musicais que podem possuir diferentes formatos conforme a instrumentação. Temos as bandas musicais, que são grupos formados por instrumentos de sopro da família dos metais, instrumentos de sopro da família das madeiras e instrumentos de percussão. As bandas marciais têm em sua composição instrumentos de sopro da família dos metais e instrumentos de percussão. Já as fanfarras podem ter diferentes combinações instrumentais, “com cornetas lisas, instrumentos de metais com e sem utilização de pistos, liras, xilofones, escaletas, flautas doces, além de grupos que são compostos somente por instrumentos de percussão” (Gomes, 2020, p. 14).

As atividades aqui analisadas foram realizadas com a fanfarra de uma escola municipal da cidade de Blumenau. Essa escola atende a, aproximadamente, 1.200 alunos, com um caráter bastante heterogêneo em relação ao perfil socioeconômico. A fanfarra da escola contempla estudantes com idade entre 11 e 15 anos. No grupo de fanfarra, existe uma rotatividade de integrantes por conta de estudantes que trocam de escola, seja por formatura do ensino fundamental ou por outros motivos. Apesar disso, durante o período analisado neste artigo, a média do número de estudantes que compunham o grupo se manteve em trinta, visto que o professor buscou oportunizar a entrada de novos participantes sempre que algum integrante deixasse a fanfarra.

Durante o período analisado, essa corporação musical realizou ensaios de forma semanal em pequenos grupos de até 7 integrantes, separados por instrumentos específicos. Esporadicamente, o professor realizou ensaios gerais, em que reuniu todos os integrantes da fanfarra para tocarem juntos.

Neste artigo, abordamos as atividades realizadas entre os anos de 2017 e 2022. Optamos por apresentar um evento de cada ano por conta do grande volume de apresentações das quais a fanfarra participou. O intuito é demonstrar a diversidade de lugares, eventos e apresentações em que a corporação esteve presente e discutir as possíveis implicações dessas experiências em diversos aspectos na vida dos estudantes e das pessoas que têm contato com as apresentações, a partir dos conceitos de mediação cultural e educação estética.

Os relatos aqui apresentados se referem à prática docente do pesquisador e autor principal deste artigo. Este atuou como professor do referido programa no período que contempla as atividades aqui relatadas, sendo que mantém essa atuação profissional até o momento da escrita deste texto.

Foi a partir do seu ingresso como professor de bandas e fanfarras que o pesquisador passou a refletir a respeito das possibilidades de práticas musicais neste cenário, e perceber que estas poderiam ir além daquilo que concebia antes de se tornar professor regente da fanfarra. Com a perspectiva de alguém que nunca havia tido a experiência de participar de uma corporação musical dessa natureza, a imagem pré-concebida pelo professor era de que as práticas musicais nesse meio eram restritas a um ensino superficial de técnicas de execução rítmica de instrumentos percussivos. Entretanto, com o passar do tempo e com as experiências vivenciadas como regente da fanfarra, essa concepção foi rompida, e o professor passou a realizar diversas atividades musicais com o grupo.

Outro marco importante foi o ingresso do professor no curso de Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e o contato com seu orientador e autor secundário deste artigo. A partir disso, o pesquisador pôde observar novas possibilidades de refletir sobre as práticas musicais em seu contexto de atuação, a partir da ótica da mediação cultural e da educação estética. Com isso, passamos a debater de que forma a aprendizagem musical, as experiências culturais e as vivências que possibilitam o aprendizado e a socialização entre os estudantes, professores e demais membros da comunidade podem implicar nesses conceitos que norteiam nossas discussões.

Resultados e Discussão

Apresentaremos agora alguns eventos e práticas das quais a fanfarra participou no período de 2017 a 2022. A partir disso, traremos indicações de como concebemos elementos vinculados às interações sociais entre estudantes, professores, pais e membros da comunidade, a ampliação cultural por meio da apreciação musical, a potência do mediador cultural, o incentivo à criatividade e à percepção, as relações humanas, o senso de pertencimento e o contato com a arte em aspectos culturais e históricos. Destacamos, em cada ocasião relatada, um desses elementos que chamou a atenção do pesquisador e que pode ser um indicativo de como as experiências musicais na fanfarra podem proporcionar uma ampliação das experiências culturais e mediar vivências estéticas.

A primeira atividade a ser relatada aconteceu em 2017, primeiro ano de atuação do professor na fanfarra, quando o grupo participou de um evento realizado na escola. O objetivo do evento foi promover a interação das famílias dos estudantes com a instituição,
Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 109-125, jan.-abr. 2024.

de modo a aproximá-los das atividades realizadas com os estudantes nos componentes curriculares e extracurriculares.

A fanfarra realizou a abertura do evento, e a apresentação contemplou a execução de duas músicas nacionais e uma internacional, adaptadas à formação de banda rítmica e melódica. Entretanto, o que nos interessa em relação a este evento não é propriamente a execução das músicas, mas as formas de interação que os estudantes estabeleceram com seus familiares, professores e demais integrantes da escola. Percebemos que este evento possibilitou importantes espaços de interação, visto que os estudantes, ao chegarem na escola, apresentaram seus pais ao professor, interagiram entre si, conversaram sobre a apresentação do dia, entre outros assuntos. Tornou-se evidente o envolvimento afetivo dos estudantes com esta atividade, considerando a animação e empolgação que demonstravam ao ter a oportunidade de apresentar aos seus familiares detalhes do cotidiano escolar. Essa riqueza de interações chamou a nossa atenção, no sentido de que tornou evidente que esta experiência proporcionou aos estudantes, aos pais, ao professor da fanfarra e aos outros professores e gestores da escola, vivências, trocas de saberes e interações sociais que não aconteceriam em outros momentos da vida escolar que estão restritos às atividades curriculares.

Com esse evento, pudemos entender que as interações sociais assumem um importante papel nas atividades das bandas e fanfarras, pois elas possibilitam que os participantes troquem experiências e conhecimentos por meio do convívio em ensaios e apresentações dos grupos. A questão da interação, seja entre professor e estudante, seja entre os próprios estudantes ou com pais e membros da comunidade, revela a importância do conceito de alteridade. De acordo com o pensamento bakhtiniano, a alteridade consiste em reconhecer a presença do outro, que não eu, mas considerado e respeitado por mim em suas singularidades (Geraldi, 2019). Esse reconhecimento permite que aconteçam trocas nas quais posso me ver no outro, ver o outro em mim e permitir que os sujeitos se constituam a partir das relações que estabelecem. A minha presença no outro e a presença do outro em mim possibilita a dialogia, elemento essencial na relação humana, que atua no seu contínuo processo de construção como sujeito presente no mundo. Relação essa que nem sempre acontece de forma harmoniosa e linear, mas se estabelece nas relações e interações entre seres humanos que carregam diferentes bagagens sociais e culturais construídas ao longo da vida (Geraldi, 2019).

Passamos agora ao ano de 2018, em que o Programa de Bandas e Fanfarras Escolares “Bia Passold” completou 25 anos de existência, e a coordenação do programa

organizou um festival em comemoração à essa data. Nesse festival, todas as corporações das escolas municipais de Blumenau/SC foram convidadas a participar com apresentações musicais, e as famílias dos estudantes participantes das bandas e fanfarras foram convidadas para prestigiar o evento. O festival aconteceu em um ginásio esportivo da cidade e reuniu 34 corporações musicais, que tinham de dez a quinze minutos para realizar suas apresentações. Nesse dia, os estudantes da fanfarra tiveram a oportunidade de conhecer e interagir com participantes de corporações de outras escolas, assistir suas apresentações, apresentar-se para um grande público e ter momentos de lazer com família e colegas.

Nesse evento, destacamos a oportunidade de os estudantes ampliarem seus repertórios culturais por meio da apreciação das apresentações de outras corporações, que incluíam peças dos mais variados gêneros musicais adaptados à música instrumental. Outro ponto interessante foi o contato que os estudantes tiveram com grupos de diferentes formações instrumentais, com instrumentos e timbres com os quais não estavam habituados. Essas novidades geraram curiosidade nos estudantes, que demonstraram interesse nesses instrumentos musicais que eles desconheciam, e ampliaram a visão deles a respeito de possibilidades musicais, ao ver que músicas conhecidas por eles poderiam ser executadas naquele tipo de formação instrumental e com diferentes arranjos.

Acreditamos que eventos como esse podem proporcionar uma possibilidade de relação entre os estudantes e a arte de uma forma diferente do habitual. Isso possibilita o estabelecimento de novas relações com a arte, uma nova maneira de perceber a música e criar sentidos que transformam a maneira de se relacionar com o mundo. Dessa forma, a função de conectar os alunos à música, como uma linguagem da arte e uma atividade cultural, pode desencadear experiências estéticas que potencializam aspectos como a sensibilidade e a percepção, não só no que diz respeito à arte, mas no que concerne à relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Para Radwanski (2018), a música se constitui como uma importante prática para a experiência estética e o saber sensível. A autora, ao debater sobre a música, sugere a possibilidade de enxergá-la como “um caminho para uma formação que contemple a experiência estética do homem no sentido de perceber e de sentir” (Radwanski, 2018, p. 102).

Já o ano de 2019 foi marcado por um evento escolar interno que teve o intuito de promover apresentações artísticas em suas diferentes linguagens. Para isso, os alunos da escola foram convidados a realizar apresentações e exposições conforme o tipo de linguagem com que mais se identificavam. A fanfarra da escola, por sua vez, foi

convidada para realizar a abertura do evento com uma apresentação musical com tema de livre escolha.

Para essa ocasião, o professor teve a ideia de apresentar aos alunos a guitarra elétrica, seus acessórios e um repertório de artistas vinculados a este instrumento, com o intuito de realizar uma junção entre os instrumentos de percussão da fanfarra e a guitarra. Essa novidade despertou o interesse dos alunos, que aceitaram a ideia, e o resultado foi uma apresentação que incluiu solos de guitarra acompanhados de instrumentos de percussão rítmica e um aluno convidado que tocou bateria. As músicas selecionadas para a apresentação foram “Sweet Child o’ Mine”, do grupo *Guns N’ Roses*, “Beat it”, de Michael Jackson, “Smoke on the Water”, da banda *Deep Purple*, e “Eye of the Tiger”, do grupo *Survivor*.

Compreendemos, a partir dessa prática, que o professor assumiu papel fundamental no sentido de proporcionar aos estudantes o contato com a cultura e com a arte numa perspectiva que não era comum até então nesse ambiente escolar. Como alguém que tem a guitarra elétrica como instrumento base em sua formação musical, o professor enxergou a possibilidade de compartilhar essa experiência com os estudantes e tecer relações com o contexto da banda rítmica. Dessa forma, os estudantes da fanfarra e da escola puderam ter acesso a um repertório diferente e ter contato com diferentes gêneros musicais, como o *Pop* e o *Rock*. Além de mostrar a guitarra e suas diversas possibilidades sonoras, o professor trouxe outras curiosidades sobre o instrumento. Temas como a história da guitarra, seus acessórios e funções, repertórios e guitarristas consagrados foram apresentados aos alunos, a fim de contribuir para uma ampliação cultural por meio do conhecimento em música.

Essa atividade demonstra a potência do papel de mediador cultural que o professor pode assumir. A partir da escolha dos repertórios baseados na variedade de gêneros musicais e no contato com diferentes instrumentos, essa atividade contribuiu para que a fanfarra, além de proporcionar a educação musical mediante o aprendizado de instrumentos, pudesse se tornar um espaço de mediação cultural com vistas a proporcionar uma educação que vai além da simples aprendizagem técnica musical. Para Peruzzo (2018), “o termo mediação cultural e a figura do mediador são conceitos que se originam da necessidade de os espaços culturais promoverem percursos de educação estética”. Dessa forma, o professor pode ser um importante agente promotor de educação estética, no sentido de que pode colaborar para potencializar o acesso à arte e à cultura, com suas linguagens e signos, em uma perspectiva de educação estética.

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia da Covid-19⁶, o que impossibilitou atividades presenciais da fanfarra, e obrigou o professor a buscar possibilidades de atividades remotas. Como os alunos não possuíam instrumentos musicais em casa, as propostas foram pensadas para acontecer de forma interativa com o uso de vídeos e aplicativos para promover o conhecimento musical no âmbito histórico e cultural. Algumas atividades realizadas foram: apresentação sobre os diferentes tipos de corporações musicais no contexto de bandas e fanfarras (banda musical, marcial e fanfarra); reconhecimento e execução de melodias por meio de *softwares* de música; questionário sobre conhecimentos musicais por meio do *Google Forms* e apresentação sobre os elementos da música, tais como altura, intensidade e timbre.

Por intermédio dessas atividades os estudantes puderam conhecer diferentes instrumentos e possibilidades musicais e foram instigados a utilizar as tecnologias digitais para ampliar seus repertórios culturais mediados pelo conhecimento em música. Apesar da falta da interação presencial, o professor buscou promover atividades e diálogos que oportunizavam, além do conhecimento musical, interações pelas plataformas digitais disponíveis. No entanto, pensamos ser importante destacar que, apesar das iniciativas do professor, uma pequena parcela dos estudantes (aproximadamente cinco) não teve acesso à plataforma por falta de recursos em suas residências, tais como celular, computador e acesso à *internet*. Esse fato revelou a fragilidade da escola no sentido de ações mediadas pela tecnologia, pois não foi possível envolver os estudantes que não tinham acesso aos meios digitais nas atividades musicais durante este período.

Além disso, a ausência do contato presencial entre professor e estudantes foi um fator que dificultou o desenvolvimento das práticas. O fato de o professor receber muitos trabalhos prontos, como questionários preenchidos e sinalização de atividades concluídas, foi um impedimento para que ele pudesse acompanhar o desenvolvimento dos estudantes no desenrolar das atividades para realizar possíveis mediações. Levantamos essa questão não só pela falta de interações durante a realização das atividades entre professor e estudantes, mas também pela falta de interação entre os próprios estudantes, que vinha sendo um ponto fundamental de trocas e vivências nas práticas musicais na fanfarra da escola.

Entretanto, ainda que com limitações de recursos e com a necessidade do afastamento social imposto pela pandemia de Covid-19, percebemos que as atividades

⁶ Doença causada pelo vírus Sars-CoV-2 ou Novo Coronavírus (Ogleari; Beineke, 2022, p. 2).

musicais mediadas pelo uso das tecnologias disponíveis puderam ser uma alternativa que possibilitavam o incentivo à criatividade. Ogleari (2022) auxilia-nos nesse momento do debate ao considerar que o cerne das atividades criativas está no ato de pensar diferentes possibilidades, diferentes maneiras de enxergar o problema e de fazer questionamentos. Para a autora, essa maneira de pensar é essencial para uma atividade criadora, visto que “envolve uma mudança do reconhecimento (o que é isto?) para a investigação (o que posso/podemos fazer com isto?), fortalecendo a capacidade das crianças de se tornarem investigadoras confiantes” (Ogleari, 2022, p. 5). Dessa forma, as atividades propostas por meio das tecnologias digitais possibilitaram que os estudantes refletissem sobre a música a partir de suas próprias escutas, o que contribuiu para desenvolver a percepção musical e estabelecer relações com a arte a partir de uma nova perspectiva.

O ano de 2021 teve um início marcado por incertezas e inseguranças a respeito da pandemia que ainda assolavam a sociedade. Em meio a isso, as atividades escolares foram retomadas presencialmente, de forma parcial, com os estudantes frequentando a escola quinzenalmente e com várias restrições para as atividades extracurriculares. Os ensaios da fanfarra foram reiniciados apenas no segundo semestre, com a observação do uso de máscaras e distanciamento social para evitar a proliferação do vírus de Covid-19. Neste período, os estudantes aprenderam músicas brasileiras, internacionais, marchinhas alemãs e temas natalinos, que foram adaptados à banda rítmica e melódica. No fim do mês de novembro foi realizado um ensaio aberto no pátio da escola, em que a corporação musical pôde executar as músicas aprendidas durante o ano enquanto os estudantes da escola assistiam. Esta foi a possibilidade encontrada para retomar as atividades coletivas e presenciais após o período pandêmico, em que os alunos puderam voltar a ter contato com a música e com os colegas, ainda que de forma distanciada.

Mesmo com as restrições, percebemos a importância de os alunos poderem voltar a interagir pela prática musical. A oportunidade de tocarem juntos, conversar, mesmo que à distância, trocar experiências e conhecimentos e estar novamente realizando atividades em grupo se mostrou bastante promissora e fez com que praticamente todos os estudantes permanecessem na fanfarra no ano seguinte. Isso demonstrou a importância desses momentos na vida dos estudantes, como as relações sociais e de afetividade constroem a noção de se sentirem parte integrante e pertencente ao grupo. Costa (2020) afirma que, em grupos musicais de bandas e fanfarras,

[...] as crianças e adolescentes aprendem a tocar seus instrumentos musicais, a expressarem-se por meio da arte, ressignificando-se do mundo de bandas, dos seus conceitos e do papel social que os cerca, trocando conhecimentos, informações e vivências a partir dos processos subjetivos nas relações sociais, nas formas de pensar e estabelecer a relação de pertença [...] (Costa, 2020, p. 89).

O autor considera, ainda, que os relacionamentos estabelecidos durante aulas, ensaios e apresentações são a base para o desenvolvimento de uma cultura própria de grupo e uma relação de pertencimento. Assim, as práticas musicais se constituem como uma possibilidade de estabelecimento de relações e interações que acontecem de forma participativa e colaborativa. Ou seja, a partir do momento em que os estudantes se sentem participantes ativos nesse processo, eles começam a se identificar como pertencentes àquele grupo.

2022 foi um ano bastante promissor para a fanfarra da escola em que atuamos. Foram recebidas duas baterias musicais, uma por empréstimo e outra adquirida pela Associação de Pais e Professores (APP). Essa aquisição possibilitou diferentes práticas musicais, com repertórios variados, desde o *Rock* nacional e internacional, *Pop*, MPB e marchinhas alemãs. Ainda nesse ano a escola retomou o tradicional evento que traz as famílias para a escola, a fim de ter contato com as produções dos estudantes em diversas áreas do conhecimento. A fanfarra foi novamente convidada a participar do evento, e as apresentações musicais contaram com alunos de bateria e com a corporação da fanfarra. Os alunos de bateria apresentaram músicas como “Livin’ on a Prayer”, de Bon Jovi e “Piloto Automático”, da banda Supercombo, enquanto o grupo da fanfarra trouxe temas como “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, e “Zigge-zagge”, uma marchinha alemã que costuma ser executada na *Oktoberfest*.

Pensamos ser interessante destacar o vasto repertório com que os estudantes e espectadores tiveram contato ao longo deste ano, o que possibilitou uma ampliação cultural, além das interações sociais presentes em ensaios e apresentações. Acreditamos que toda novidade gera novas possibilidades de aprendizado, e não foi diferente no caso das baterias que chegaram à escola. Nesse caso, além da variedade de repertório, os estudantes puderam ter contato com esse instrumento, e compreender a relação dele com os outros instrumentos que já estavam acostumados a tocar. O professor demonstrou que os instrumentos rítmicos presentes na fanfarra são as partes integrantes da bateria, que formam um conglomerado de peças rítmicas, como bumbo, prato, caixa, surdo e tons. Com isso, os estudantes passaram a compreender com mais propriedade a função de seus

instrumentos na música e, conseqüentemente, executar as peças musicais de forma mais consciente.

Nesta ótica, trazemos à tona as ideias de Vigotski (2007), que apontam para a importância das “vivências estéticas”. Segundo ele, essas experiências são indispensáveis no sentido de promover a livre criação e o contato com a arte em todo seu valor estético, sem necessariamente antever resultados morais ou educacionais. Esse contato com a arte promove uma participação ativa do sujeito, que ao assumir esse papel passa a perceber a arte de forma diferente. Para Vigotski, “o entretenimento de nossos sentidos não é o objetivo final do projeto artístico” (Vigotski, 2003, p. 229). O contato sensorial que o sujeito tem com uma obra de arte, seja um quadro, uma música ou outros, é apenas o primeiro momento do ato estético que desperta “um tipo de reação diferente da habitual, e essa atividade peculiar, ligada aos estímulos estéticos, é que constitui a natureza da vivência estética” (Vigotski, 2003, p. 229).

A respeito do contato do sujeito com a música, Vigotski (2003) defende que quando uma melodia passa pelos ouvidos de uma pessoa, tem início o que o autor denomina “segunda síntese criativa”. Nessa etapa, o ouvinte reúne e organiza todas as informações captadas por seus ouvidos, o que permite que aquele som mexa ou não com suas emoções e sentimentos. Essas emoções não estão atreladas à música em si, mas têm relação com as atribuições feitas pelo ouvinte quando relacionadas com a obra. Esta complexa atividade promove a “renovação de uma série de reações internas, à união que as coordena e a certa reelaboração criativa do objeto” (Vigotski, 2003, p. 230). Em suma, encontra-se neste processo a atividade estética, que é inerente aos seres humanos. Para Vigotski (2003), a atividade estética está atrelada à dimensão criativa constitutiva do ser humano. Ou seja, somos seres dotados de imaginação, capazes de atos criativos, e a atividade estética está relacionada exatamente a essa dimensão criativa do ser humano. Dessa forma, o professor/mediador, ao mostrar para os estudantes que a bateria e a fanfarra possuem os mesmos elementos, apenas organizados de forma diferente, instigou os estudantes a ter um olhar estético, ou seja, ver tanto a bateria quanto a fanfarra por outros ângulos e a partir disso incentivar a criatividade e uma prática musical mais consciente.

Um ponto interessante a ser analisado, que permeou as atividades em todos os anos citados, é a escolha do repertório por parte do professor. Entendemos que a variedade de gêneros musicais, evidente nas práticas relatadas, pode ser mais um fator que contribui para uma ampliação cultural e de possibilidades musicais, de forma a romper com a lógica

utilitária e de repetição. A escolha de um repertório vasto pode significar ainda o rompimento da forma como muitas vezes as fanfarras são vistas, com pouca variedade e possibilidades musicais, e tornar este espaço mais atrativo e significativo para os estudantes.

Por fim, pensamos ser interessante refletir sobre o espaço escolar como um agente que possibilitou experiências artísticas e culturais. A partir das contribuições de Soares, Neitzel e Carvalho (2016), entendemos que espaços que oportunizam essas vivências possibilitam a socialização e a educação sensível na medida em que instigam e incentivam processos criativos mediados pela arte. Dessa forma, “aprendemos a comunicar-nos com o mundo de diferentes formas, ampliamos nosso olhar passando a respeitar diferentes culturas” (Soares; Neitzel; Carvalho, 2016, p. 54). Para os autores, podemos enxergar a escola como um espaço que possui os meios necessários para promover diferentes vivências culturais e artísticas e interações sociais, por meio da “prática de gerar significados que permitam um aprendizado individual e coletivo” (Soares; Neitzel; Carvalho, 2016, p. 56). Dessa forma, percebemos que a escola pode se constituir como um espaço de mediação cultural, por meio de eventos que promovem o contato com a arte e diferentes formas de socialização, um “espaço de encontros, de acontecimentos, de agenciamentos e de aproximações” (Soares; Neitzel; Carvalho, 2016, p. 65).

Considerações finais

As experiências relatadas neste artigo apontam para as potencialidades das práticas musicais no contexto de bandas e fanfarras. Essas atividades demonstraram que a prática musical neste cenário não se limita ao aprendizado teórico e técnico, com pensamento utilitário de simplesmente possibilitar a realização de apresentações. Ao refletir sobre as vivências oportunizadas em momentos de ensaios e apresentações, destacamos primeiramente a forma como as interações sociais se estabelecem entre estudantes, pais, professores e outros membros da comunidade, especialmente nas atividades realizadas nos anos de 2017 e 2021. Essas interações possibilitaram momentos de troca de saberes e experiências que podem impactar na vida social de todos os

envolvidos, principalmente os estudantes, considerando que estes foram os protagonistas das ações relatadas.

Outro indicador importante a ser destacado é a ampliação do repertório cultural proporcionado a partir do conhecimento de instrumentos musicais menos populares e de diferentes tipos de formações instrumentais, apreciação e execução de músicas populares adaptadas à música instrumental e contato com a história e curiosidades sobre diferentes artistas e gêneros musicais. Esses fatores se destacaram nos anos de 2018 e 2019, e podem ser vistos como um grande potencial para tornar a participação em bandas e fanfarras uma experiência que contribui para a formação integral do sujeito em sua forma de ver e de se relacionar com o mundo.

Um elemento essencial a ser lembrado ainda é o contato com a arte, neste caso, especificamente, com a música. Por meio de vivências como as relatadas nos anos de 2020 e 2022, os envolvidos tiveram a oportunidade de trabalhar aspectos como a criatividade e a sensibilidade, o que pôde contribuir na formação do sujeito e transformar a maneira como ele se relaciona com a arte e, conseqüentemente, consigo mesmo, com os outros e com o mundo ao seu redor.

Entendemos que a variedade de repertório com que os estudantes e outros membros da comunidade tiveram contato foi um elemento importante nas práticas musicais relatadas neste texto. Por intermédio do contato com diferentes gêneros musicais, os sujeitos puderam ampliar os repertórios culturais deles e passar a enxergar a fanfarra da escola com um olhar diferente, sem preconceitos, o que muitas vezes pode ser um impedimento para que os estudantes participem da fanfarra e de suas apresentações.

A escola foi o espaço físico que se estabeleceu como ponto de partida para que todas as atividades pudessem acontecer. Apesar de nem todas as práticas acontecerem no espaço escolar, este se constituiu como ponto de encontro que possibilitou as interações necessárias para que tudo acontecesse. Dessa forma, enxergamos a potencialidade da escola não só como espaço de educação dentro das quatro paredes de uma sala de aula, mas um espaço cultural que possibilita, além de diversas atividades que acontecem dentro da instituição, extrapolar os muros e chegar a outros lugares onde a arte e a cultura estão presentes e não se limitam às atividades curriculares.

Pensamos ser válido ainda refletir sobre o papel do professor como um mediador cultural. Destacamos o fato de o mediador, além de trabalhar com o ensino teórico e prático de música, abordar elementos culturais e históricos relacionados às questões musicais, tais como: variedades de instrumentos e repertório, promoção de momentos de

conversa e reflexão sobre as possibilidades musicais com o grupo. Estes elementos refletem a importância de o professor/mediador atentar para a forma como as práticas musicais são realizadas, com o intuito de torná-las mais enriquecedoras cultural e socialmente.

Dessa forma, pudemos observar que o acesso à arte, à cultura e às interações sociais mediadas pela música pode promover vivências estéticas que transformam a maneira como o sujeito se relaciona com o mundo, consigo mesmo, com as pessoas ao redor e com os saberes presentes no meio social. A partir do exposto neste texto, entendemos que as práticas musicais no contexto de bandas e fanfarras podem se configurar como experiências que não estão limitadas ao aprendizado mecânico e repetitivo em música, mas uma educação estética que contemple diversas áreas da formação humana.

Referências

BLUMENAU. **Decreto n. 10.920, de 30 de março de 2016.** Dispõe sobre o programa de Bandas e Fanfarras Escolares da Rede Municipal de Ensino de Blumenau. Leis Municipais. Blumenau, 2016.

BLUMENAU. **Decreto n. 15.080, de 23 de janeiro de 2024.** Institui o Programa de Bandas e Fanfarras Escolares “Bia Passold” da Rede Municipal de Ensino de Blumenau. Leis Municipais. Blumenau, 2024.

COSTA, F. C. **Processos de subjetividades, interações e pertencimento na banda de música escolas:** um estudo de caso na banda marcial Ranulpho Paes de Barros, em Cuiabá/MT. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/2354>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FERNANDES, V. **Itinerários e concepções do ensino de música na rede municipal de Blumenau.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2017. Disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/DS/2017/363243_1_1.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.

GERALDI, J. W. **Ancoragens:** estudos bakhtinianos. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

GOMES, A. **Estratégias de ensaio de bandas e fanfarras escolares.** Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/10822/Alessandro_dissertac_a_o_final_e_17_12_2020_16137687007287_10822.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

METTE, P. A. P. **Calendário histórico-cultural**: a contextualização das festas tradicionais realizadas em Blumenau-SC para promoção turística. 2005. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2005. Disponível em: <https://www.univali.br/pos/mestrado/mestrado-academico-em-turismo-e-hotelaria/banco-de-dissertacoes/Paginas/default.aspx?page=28>. Acesso em: 21 mar. 2024.

OGLEARI, B.; BEINEKE, V. Entre ventanias e viagens interplanetárias... projetos criativo-musicais em contexto de pandemia. **Revista da Abem**, Londrina, v. 30, n. 1, p. 1-24, jan./jul. 2022. DOI 10.33054/ABEM202230101. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1078>. Acesso em: 19 mar. 2024.

PERUZZO, L. **Mediação cultural no museu**: ressonâncias da experiência estética no corpo (em *performance*) de professores de arte. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7158975. Acesso em: 21 mar. 2024.

RADWANSKI, E. **Consonâncias e dissonâncias de um projeto de música na formação estética de pedagogas**: um estudo de caso. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7158975. Acesso em: 19 mar. 2024.

SOARES, A. F. C.; NEITZEL, A. A.; CARVALHO, C. A potência cultural da escola: estudos sobre mediação e formação estética. In: NEITZEL, A. A.; CARVALHO, C. **Mediação cultural, formação de leitores & educação estética**. Curitiba: CRV, 2016. p. 53-66.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Submetido em 11 de outubro de 2023.

Aprovado em 14 de março de 2024.